

#cm

2

TERÇA-FEIRA

O premiado 'Cinco Tipo de Medo' estreia na Mostra de SP



PÁGINA 3

Álbum póstumo de Gal chega às plataformas



PÁGINA 5

Milton Hatoum: Nobel ignora nossa literatura



PÁGINA 7



Robert Duvall à

brasileira

Atuação premiada de Márcio Vito em 'Eu Não Te Ouço' pode ser conferida nesta terça na Mostra de SP

Márcio Vito
ganhou o
Redentor
de melhor
ator por seu
desempenho
no longa de
Caco Ciocler

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

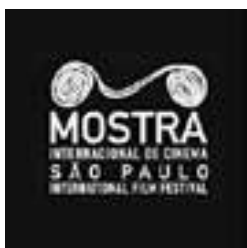
Hollywood possui um jargão, the actor's actor ("o ator favorito dos atores"), cunhado para se referir a Robert Duvall e a seu prestígio entre colegas de classe, que, no Brasil, comumente se alinha com a forma reverente de estrelas dos mais variados (sobretudo altos) quilates reagirem às interpretações de Márcio Vito. A ovação que ele recebeu no Odeon, no último dia 12, ao conquistar o troféu Redentor por sua atuação no longa-metragem "Eu Não Te Ouço", de Caco Ciocler, comprova o fascínio que gera entre seus pares – e em suas plateias. À moda Duvall - que se impõe sinuosamente em "O Poderoso Chefão", entre titãs como Marlon Brando e Al Pacino, brilhando pelas beiradas -, Vito tira muito (põe muito nisso) do pouco. Raros são os intérpretes que flanam entre diferentes personagens - num só monólogo - com a harmonia que ele esbanjou na peça "Claustrofobia". Sabe ainda ser harmônico ao dividir bolas, em textos como "Dois Contra o Mundo" (num duo com Priscilla Rozenbaum) ou no coletivo de séries ou novelas, como "Guerreiros do Sol", do Globoplay, em que vive Natanael. **Continua na página seguinte**

ENTREVISTA / MÁRCIO VITO

‘O teatro me deu uma escuta do silêncio’

Rafa Marques/Divulgação

Esta noite, a Mostra de São Paulo vai conferir a excelência de Márcio Vito numa projeção de “Eu Não Te Ouço” no Reserva Cultural, às 22h. A trama remete ao Brasil de 2022, quando uma cena materializou um país politicamente polarizado: na tentativa de impedir um caminhão de furar um protesto de apoiadores de (um já derrotado) Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais, um homem vestido de verde e amarelo, com os braços abertos em cruz, agarra-se à frente do veículo e é arrastado, por quilômetros. Sob a direção de Ciocler, Vito vive tanto o motorista do caminhão quanto o “patriota” em imolação, inaugurando um jogo de espelhamento e projeção. A conversa a seguir é um estudo sobre essa dinâmica de ação e é a radiografia de um astro em estado de graça.



O título do filme remete à dificuldade de escuta que contaminou o país na disseminação do ódio da polarização política. O que o teatro, teu lar e teu molde, deu aos teus tímpanos de mais valioso para o exercício de escutar o outro?

Márcio Vito - O teatro me deu a percepção de que os melhores personagens às vezes são um recorte de pessoas que talvez não saltem aos olhos de artistas que estejam procurando joias lapidadas. Me deu a percepção de que, antes da peça, antes do personagem, estão as pessoas. Me deu uma escuta do silêncio, das palavras que não são ditas. O processo desse filme é um mapa valioso de personagens porque, através da condução da Bel Teixeira, a partir da ideia do Caco Ciocler, existe uma observação das complexidades das personagens envolvidas na primeira ideia que passam a ser recheadas com que a existe de melhor e mais singelo entre nós três, que temos por ofício a observação do outro como ferramenta de trabalho. Foi uma mistura de complexidades muito sensíveis no processo de criação desse filme.

O quanto esse filme te abre os ouvidos, para além do que o teatro já te mu-

nicia de escuta?

Esse processo, criado pela Bel, inaugurou em mim uma observação que não tem na presença seu começo e finalidade, mas faz da escuta o ponto de partida para descobrir o outro. É como um espelho, que nos permite explorar e explodir, na mistura quase inconsciente dos envolvidos.

Como se dá o processo de trabalho com Caco Ciocler?

De forma leve e livre. O Caco, das duas vezes em que trabalhei com ele nesta

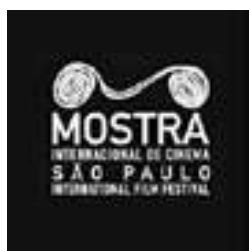
relação de diretor/ator, foi muito claro na exposição de suas ideias e propostas. Ele é um provocador artístico muito maduro e inspirador. Me sinto contagiado por suas questões e muito estimulado a criar sob seu olhar, porque é sempre um diálogo rico, que permite aprofundar visões cotidianas que ele traz para o cinema. Algo muito especial acontece nos seus filmes, algo que no teatro é mais comum: a obra realmente se completa, se expande e melhora a partir do contato com o espectador.

Depois do ‘5xFavela, Agora Por Nós Mesmos’, de 2010, o audiovisual não te largou mais. O que o cinema te trouxe de mais intenso na construção da tua carreira de ator?

Na verdade, é preciso voltar pelo menos mais um ano nessa conta porque em 2009, também em Cannes, eu estive presente com um filme discreto, chamado “No Meu Lugar”, de Eduardo Valente. E por conta de seu olhar internacional da arte do cinema e por sua atividade na crítica e por seu trabalho com formação de olhares, o filme foi muito visto por pessoas que, de alguma forma, reconheceram no meu trabalho uma profundidade que até então eu não havia podido exercitar, embora acreditasse possuir. A essa altura, já era discípulo de Nelson Xavier, Paulo José e Fernando Torres. Já tinha feito filmes com Lima Duarte, Fernanda Montenegro, Raul Cortez... e fiz teatro com Laura Cardoso. Não estava exatamente distraído. Já tinha feito uma minissérie, “Amazônia”, com personagem de destaque. Sempre fui meio velho na arte, um apaixonado por cinema nacional e pela arte da atuação, mas o que veio depois de “No Meu Lugar” estava intimamente e sutilmente ligado ao filme.

O que você tem pela frente de filmes e de peças para os próximos meses?

Estou envolvido na criação de um filme com outros artistas que admiro muito, sob o olhar e a direção da Julia Murat. Somos uma pequena equipe de sua extrema confiança a se jogar no cinema de corpo e alma. No teatro, estou dirigindo, com Jefferson Almeida, meu parceiro de elenco em “Guerreiros do Sol”, uma versão de “Navalha na Carne”. Como ator, vou seguindo com o monólogo “Claustrofobia”, dirigido por César Augusto, em apresentações por unidades do Sesc no estado do Rio, e sigo também com Ricardo Kosovski, na peça “Sermão de Santo Antônio Aos Peixes”, um trabalho lindo, que dá continuidade a uma pesquisa do diretor Moacir Chaves, iniciada há 30 anos, com o ator Pedro Paulo Rangel. Para o ano que vem, minha felicidade maior é voltar com o monólogo “A Sobrancelha É O Bigode Do Olho: Uma Conferência do Barão de Itararé”, para comemorar os cem anos de fundação do jornal “A Manhã”, do jornalista de humor Aparício Torelly.



Sob as bênçãos do Kikito

Divulgação



No papel da enfermeira Marlene, Bella Campos é o epicentro da trama de 'Cinco Tipos de Medo', longa de Bruno Bini consagrado este ano na Serra Gaúcha

Divulgação



dor de 47 anos, antes conhecido por “Loop” (2019), que se diz um ávido consumidor de filmes de ação.

Último (e mais convulsivo) dos seis longas-metragens de ficção em concurso em Gra-

mado, “Cinco Tipos De Medo” foi o único a ganhar ovação na disputa oficial. Recebeu até gritos de “Bravo!”. Sua chegada à Mostra, no fim de semana, é um preparativo (dos mais luxuosos) para sua estreia comercial.

O que se sabia do filme de Bini era a presença de Bella Campos, a Maria de Fátima do remake da novela “Vale Tudo” (fenômeno da TV Globo e do streaming Globoplay), pré morte de Odete Roitman. Se alguém duvidava de sua potência, essa dúvida caiu por terra à luz de um sorriso que leva esperança a um campo minado a céu aberto, na delicada atuação dele sob a realização de Bini.

“Quando eu saí de Cuiabá para correr atrás da sorte, não acreditava que seria capaz de viver da profissão e, hoje, estou aqui”, disse Bella ao Correio da manhã.

Ligado a uma genealogia latino-americana que remete à fase inicial do mexicano Alejandro González Iñárritu, em seus tempos de “Amores Brutos” (2000), “21 Gramas” (2003) e “Babel” (2006), “Cinco Tipos De Medo” vai e volta nos fatos que narra a fim de dar a eles múltiplas camadas de informação. Há uma sequência em que Murilo, um violinista enlutado após a covid (vivido por João Vitor Silva), usa uma pistola alemã da I Guerra, mesmo sem saber atirar, a fim de se

defender de um ataque armado. Os corpos que tombam parecem ser um lance do Acaso em prol dele. Veremos mais adiante que não.

“O Fator de Cura (poder do mutante da Marvel) é o que me interessa ao falar de Wolverine. Eu tive covid e, quando estava internado, tudo o que eu queria era ter um poder desses”, diz o realizador. “O ‘Cinco Tipos’ é o registro de uma Cuiabá que cresceu muito. É um filme pensado regionalmente e executado com parcerias nacionais”.

Fã de Wolverine, Murilo se envolve com Marlene (papel de Bella), uma enfermeira presa a um relacionamento abusivo com o traficante Sapinho (Xamã, um titã em cena). As angústias deles cruzam as de Luciana (Bárbara Colen), policial em cruzada de justiça, e de Ivan (Rui Ricardo Dias), um advogado com intenções ocultas. São cinco vidas aparentemente desconectadas e elas colidem num caminho sem volta, numa cartografia de desamparos enquadrada na direção de fotografia dionisíaca de Ulisses Malta Jr.

“Acredito que haja espaço para filmes de gênero no Brasil, desde que eles tenham qualidade a oferecer ao público”, diz Bini.

A Mostra de São Paulo segue até o dia 30 de outubro.

Consagrado em Gramado com o troféu de Melhor Filme, ‘Cinco Tipos De Medo’ escancara os desamparos do Brasil – e a excelência do diretor Bruno Bini – na maratona paulistana

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Entram à venda hoje, no site e no aplicativo digital da 49ª Mostra de São Paulo, ingressos para as duas únicas projeções no evento do filmaço que venceu o 53º Festival de Gramado: “Cinco Tipos de Medo” passa no dia 24 (sexta), às 19h, no Espaço Petrobras De Cinema 1, e no dia 26 (domingo), às 13h, no Reserva Cultural 2. Egresso de Cuiabá, uma das cidades mais quentes (e, outrora, uma das mais violentas) de todo o Brasil, seu diretor, Bruno Bini, levou seu estado, o Mato Grosso, no Centro-Oeste de sua pátria, para o epicentro do planisfério cinematográfico da América Latina. Ganhou quatro Kikitos com uma narrativa crepuscular estruturada no dispositivo dramatúrgico do “filme coral”, aquele em que vários núcleos de personagens, autônomos, colidem. Além da láurea de Melhor Filme, a maratona gramadense atribuiu ao cineasta os troféus de Melhor Roteiro e Melhor Montagem e ainda galardoou seu longa com a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante, confiada ao rapper Xamã.

“O registro do thriller social mostra que é possível entreter com filmes que levantam temas relevantes. Não me alinho a filmes em que a violência urbana vira mera paisagem, como se estivéssemos imunes a ela. A vida acontece à mercê da sorte”, explica o realiza-

Era uma vez no Oeste de Alex Cox



Divulgação

O próprio realizador Alex Cox atua no longa

Diretor de 'Sid & Nancy' volta às telas, após um longo hiato, transformando a prosa de Gogol num faroeste, gênero proscrito pela correção política que hoje revive em festivais

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Chumbo dos mais quentes – e dos mais alegóricos – elevou a temperatura e a pressão da 29ª Mostra de São Paulo no fim de semana a galope num faroeste com

a grife autoral de Alex Cox, "Almas Mortas" ("Dead Souls"), que ganha nova sessão neste sábado (dia 25), às 16h10, no Cine Segall. Quem cresceu vendo "Repo Man – A Onda Punk" (1984) na "Tela Quente" vai se deliciar com o reencontro com seu diretor, sumido desde 2017. Cox é uma grife indie egressa de Bebington, na Ingla-

terra, aclamado pelo cult "Sid & Nancy" (1986). Ele dirige e estrela o banguê-banguê que hoje brilha em telas paulistas, ambientado 1890 — ano do censo dos EUA —, quando o caos irrompe pelas pradarias em meio à chegada de um estranho, que se chama apenas Strindler. Interpretado pelo cineasta, o sujeito, que mais tarde vai ser reconhecido como reverendo, chega a uma pequena cidade do Arizona e negocia dinheiro em troca de nomes de trabalhadores mexicanos mortos, numa alusão à belicosidade do presidente Donald Trump com imigrantes. A trama, baseada na prosa de Nikolai Gogol (1809-1852), chegou ao Brasil com o passaporte carimbado pelo



AS BOAS DA PAULICÉIA - TERÇA-FEIRA (21/10)

POR **RODRIGO FONSECA**



Duas Estações, Dois Estranhos

ENZO, de Robin Campillo (França): Ganhador da Palma de Ouro por "Entre os Muros da Escola" (2008), Laurent Cantet (1961-2024) deixou um roteiro inacabado chamado "L'Apprenti", que foi filmado pelo amigo e parceiro de escrita, Robin Campillo. O título foi apresentado pela primeira vez na Quinzena de Cineastas de Cannes. A trama acompanha o amadurecimento do personagem título, vivido por Eloy Pehu. O que vemos é a luta de Enzo para se encontrar no mundo, numa recusa do abastado patrimônio familiar em prol de um investimento na vida de pedreiro. Ele luta com os colegas e com o mestre de obras, mas busca paz no afeto da jovem que deseja e em amizades fugazes. Onde: Espaço Petrobras de Cinema 1, 15h45.

DUAS ESTAÇÕES, DOIS ESTRANHOS ("Two Seasons, Two Strangers"), de Sho Miyake (Japão): Ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno, em 2025, esta produção trava um diálogo com as HQs de Yoshiharu Tsuge, um mestre dos mangás. No enredo do longa, o casal Nagisa e Natsuo se encontra à beira-mar. Engatam um esboço de romance trocam palavras constrangedoras e entram no oceano encharcado pela chuva. Essa porção do longa se passa num verão. Já no inverno, Li, uma roteirista, viaja para uma vila coberta de neve. Lá, ela encontra uma pousada administrada pelo taciturno atendente chamado Benzo. Suas conversas raramente se conectam, mas eles partem em uma aventura sentimental inesperada. Onde: Sala Petrobras da Cinemateca, 14h.



Enzo



Massa Funkeira

MASSA FUNKEIRA, de Ana Rieper (Brasil): A realizadora de "Vou Rifar Meu Coração" (2011) volta à telona com uma cartografia do desejo no universo do funk. Sem moralismos, o filme revela como, através do corpo, da dança, das letras e vivências de seus artistas, o ritmo musical expressa resistência, prazer e afirmação pessoal, ressaltando as potências simbólicas das periferias. O batidão da montagem de Peterkin é esfuziante. Onde: Cinesesc, 19h.

A despedida que ninguém podia prever

Registro ao vivo do derradeiro show de Gal Costa, em 2022, chega às plataformas em oportuno lançamento da Biscoito Fino

Por Affonso Nunes

Há momentos que ganham contornos de despedida sem que ninguém perceba isso naquele exato momento. E assim foi a noite de 17 de setembro de 2022. Naquela data, Gal Costa subiu ao palco do festival Coala, no Memorial da América Latina, em São Paulo, para aquilo que seria sua última apresentação pública. Menos de dois meses depois, em 9 de novembro, a cantora nos deixaria aos 77 anos, vítima de um infarto que interrompeu abruptamente uma agenda repleta de compromissos, incluindo shows na Europa e participação no Primavera Sound.

O registro daquela noite chega ao público através de “As Várias Pontas de Uma Estrela”, lançamento da Biscoito Fino disponível em LP e nas plataformas digitais. O vídeo completo da apresentação pode ser conferido no canal da gravadora no YouTube até esta segunda-feira (20). O trabalho é um testemunho emocionado da relação visceral entre Gal e seu público. E neste show, realiado num festiva, predominava uma plateia jovem, muitos deles sequer nascidos quando a cantora começou a despontar na cena musical brasileira.



Tim Bernardes, Gal Costa e Rubel no último show da inesquecível cantora

Acompanhada por uma formação enxuta — Fábio Sá (baixo), Limma (teclados) e Vitor Cabral (bateria) —, a cantora percorreu vinte canções que funcionam como um mapa afetivo de sua trajetória. Sob direção musical de Marcus Preto, o roteiro equilibrou clássicos de sua discografia com faixas dos trabalhos mais recentes. Em todas elas, reina uma voz que redefiniu conceitos de interpretação na canção popular brasileira.

A abertura com “Fé Cega, Faca Amolada”, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, dá estabelecimento do tom do que seria a apresentação. A versão pesada e vibrante da canção revela uma voz que não possui mais a potência cristalina de outras épocas, mas que conserva intacta sua capacidade de comunicação emocional. A plateia responde cantando cada palavra, num gesto de cumplicidade que se repetiria ao longo

de toda a noite.

O show prossegue emendando o blues visceral de “Hotel das Estrelas”, de Jards Macalé e Duda Machado, com “Divino, Maravilhoso”, composição de Gil e Caetano que se tornaria hino tropicalista. Caetano Veloso, aliás, comparece em seis momentos diferentes do espetáculo, seja como compositor original ou autor de versões, reafirmando a parceria fundamental que atravessou décadas. “Dom de Iludir” surge nesse contexto, inevitavelmente diferente daquela interpretação sussurrada e sensual que Gal registrara em “Minha Voz”, de 1982. As circunstâncias eram outras — um festival ao ar livre, uma multidão, não mais a atmosfera intimista de um clube enfumaçado — mas a essência permanece reconhecível.

Um dos aspectos mais bonitos do repertório escolhido é o diálogo da cantora com compositores

de gerações posteriores. “Quando Você Olha Pra Ela”, de Mallu Magalhães, e “Palavras no Corpo”, parceria de Silva com Omar Salomão — filho do poeta Waly Salomão, que produziu o histórico show “Fatal” de Gal em 1971 —, comprovam que Gal não parou no tempo, não estacionou no sucesso que angariou.

A sequência seguinte funciona como uma celebração dos grandes momentos de sua discografia. “Nada Mais”, versão de Ronaldo Bastos para “Lately”, de Stevie Wonder, antecede “Paula e Bebeto”, de Milton e Caetano, num encadeamento que faz a plateia vibrar. “Desafinado”, clássico de Tom Jobim e Newton Mendonça, ganha contornos mais ritmados, enquanto “A História de Lilly Braun”, de Chico Buarque e Edu Lobo, e “Açaí”, de Djavan, são cantadas em coro pelo público, num emocionado

do momento de comunhão.

O repertório também revisita a fase comercial dos anos 1980, quando Gal assinou com a RCA e gravou canções que, embora recebidas com reservas pela crítica, conquistaram o grande público. “Lua de Mel”, de Lulu Santos, e “Sorte”, de Celso Fonseca e Ronaldo Bastos — grande sucesso nas rádios FM da época —, ganham novas roupagens em arranjos arrojados.

Dois jovens cantatores nascidos em 1991, Rubel e Tim Bernardes, são os convidados da noite. Rubel divide com Gal duas composições de Caetano Veloso, “Como 2 e 2” e “Tigresa”, enquanto Tim Bernardes interpreta “Negro Amor”, versão de Caetano e Péricles Cavalcanti para “It’s All Over Now, Baby Blue”, de Bob Dylan, além de “Vapor Barato”, de Jards Macalé e Waly Salomão. Os três se reúnem para “Baby”, também de Caetano.

O encerramento traz dois dos maiores sucessos populares de Gal: “Um Dia de Domingo”, baladão soul de Michael Sullivan e Paulo Massadas que ela gravou com Tim Maia, e “Brasil”, de Cazuza, Nilo Romero e George Israel. Antes desta última, a cantora faz um breve comentário sobre as eleições presidenciais que aconteceriam quinze dias depois, pedindo que o público votasse “com sabedoria” — no vídeo disponível online, ela aparece fazendo o gesto do “L” de Lula, reafirmando posicionamentos que sempre marcaram sua trajetória.

“As Várias Pontas de Uma Estrela” pode estar longe de capturar o auge vocal de Gal Costa, uma das maiores cantoras de seu tempo. Mas o álbum revela, mais que uma despedida, a gigantesca generosidade artística da intérprete e o tamanho de seu legado para a música popular brasileira. É que bom que ela nos deixa esse presente.

O que aconteceria se o último Aniversário Guanabara ocorresse em um Rio de Janeiro devastado pelo aquecimento global, onde a fome substituiu a fartura das mesas de frios? Essa provocação move “Aniversário Guanabara”, espetáculo do Renca Coletivo de Teatro que transforma um dos eventos mais emblemáticos do cotidiano carioca em ponto de partida para reflexões urgentes sobre crise climática e justiça ambiental numa dramaturgia que equilibra humor, denúncia e poesia ao abordar temas complexos com linguagem acessível.

Após circular por diferentes espaços públicos da capital e da Baixada Fluminense, a montagem será encenada neste sábado (25), às 15h, no Posto 2 do Aterro do Flamengo.

Primeiro texto autoral do coletivo, o espetáculo conquistou reconhecimento na cena teatral fluminense. Recentemente, venceu a Mostra Cenas Curtas da 18ª edição do Niterói em Cena, além de acumular indicações nas categorias Melhor Direção, Prêmio Especial e Júri Popular no Festival Os Ciclomáticos.

Ao imaginar a cidade arrasada pelas consequências do aquecimento global, a peça revela como as desigualdades sociais amplificam os impactos ambientais, atingindo as po-



Rodrigo Menezes/Divulgação

Arte, política e vida cotidiana se encontram nas apresentações de ‘Aniversário Guanabara’

A festa do fim do mundo

Montagem de ‘Aniversário Guanabara’ imagina o tradicional (e concorrido) evento em cenário distópico para debater crise climática e desigualdade

pulações periféricas. “Elas são as que mais sofrem os impactos da crise climática e por isso são aquelas que mais sentem sua urgência, mesmo que, por vezes, não compreendam os motivos e as soluções”, observa Mateus Amorim, ator e um dos criadores do coletivo.

“Aniversário Guanabara” nasce da necessidade de debater ecologia de forma popular, tornando acessível uma discussão frequentemente restrita a círculos especializados. “Falar de aquecimento global e suas consequências é contribuir para uma reflexão que é antes de tudo social”, comenta o diretor Reinaldo Dutra.

Mais do que denunciar, o espetáculo busca apontar caminhos. A narrativa dialoga diretamente com a realidade da população fluminense, propondo que o reconhecimento dos problemas seja o primeiro passo para transformá-los. “Espero que o público entenda o espetáculo como uma forma de entretenimento e conscientização. Que não saiam pessimistas, mas esperançosos. Há uma fala desta peça que resume isso: ‘Hoje é a nossa chance de fazer diferente’”, deseja Mateus Amorim.

SERVIÇO

ANIVERSÁRIO GUANABARA
25/10, às 15h | Posto 2 do Aterro do Flamengo | Grátis

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Transformação

Com direção, texto e atuação de Fause Hatén, “Eu Sou um Monstro” encerra temporada no Teatro Poeirinha neste domingo (26). A montagem parte de episódio real envolvendo o pintor Francis Bacon e seu companheiro George Dyer. A performance investiga o processo de transformação de um artista respeitado numa figura insensível a partir do momento em que Dyer comete suicídio às vésperas da inauguração de uma importante exposição de Bacon e o artista decide ocultar o episódio para não prejudicar o evento.

Divulgação

Dip Ferrera/Divulgação



Relações vazias

“Alguma Coisa Falta Aqui” utiliza humor e situações absurdas para abordar solidão e questionamentos existenciais. A dramaturgia de Bernardo Coimbra reflete sobre o isolamento e o excesso de informação vivenciados durante a pandemia numa proposta cênica que amplifica ao extremo cenas cotidianas, criando universos inusitados que funcionam como espelho para angústias e contradições. O trabalho investiga o vazio das relações modernas e a busca por sentido em tempos de conexões virtuais e distanciamento físico. Até domingo (26) no Teatro Municipal Domingos de Oliveira.



Divulgação



Tempo de descobertas

A montagem do musical “O Despertar da Primavera” encerra temporada no Teatro Nathalia Timberg, na Barra da Tijuca, com apresentações até domingo (26). No palco, três adolescentes na Alemanha do século XIX que enfrentam juntos descobertas sobre sexualidade em meio a repressão social e moral vigente. O espetáculo aborda temas como autonomia juvenil, tabus e conflitos de geração. A dramaturgia expõe as consequências trágicas da falta de diálogo entre pais e filhos, situação agravada pela ausência de educação sexual adequada.

‘Nobel enxerga o Brasil com indiferença ou exotismo’



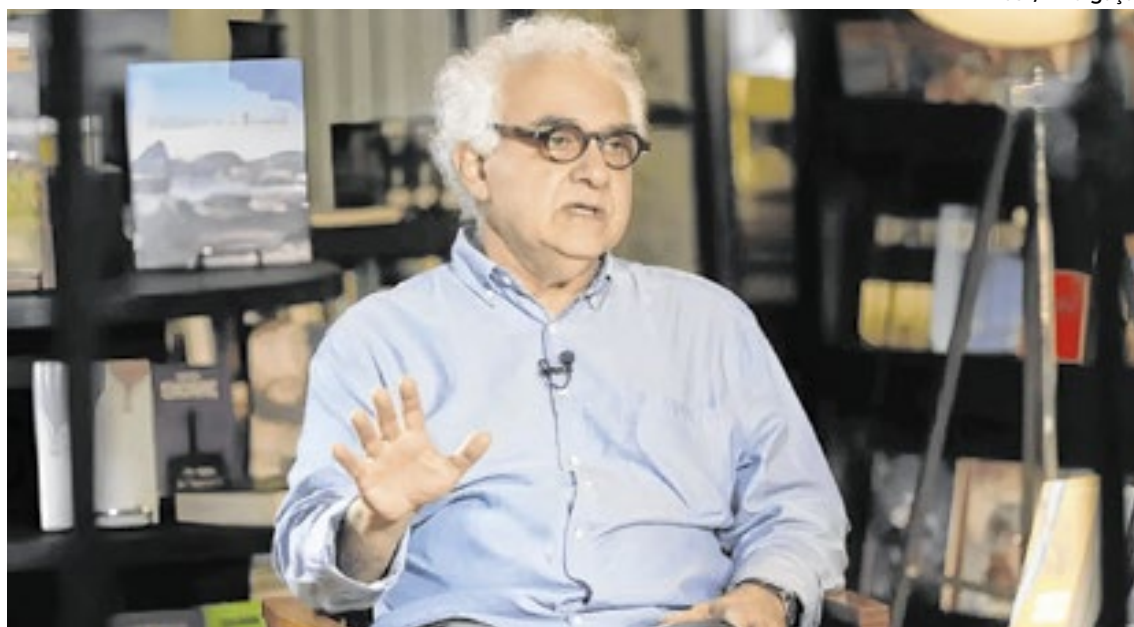
TV Brasil/Divulgação

Milton Hatoum fecha trilogia inaugurada por ‘A Noite da Espera’ com ‘Dança de Enganos’

Por Walter Porto (Folhapress)

Milton Hatoum finalmente está encerrando a trilogia em que começou a trabalhar há quase duas décadas. Já faz tempo que seus leitores estão pendurados nos mistérios deixados por “A Noite da Espera” e “Pontos de Fuga”. Mas quem está ávido por resoluções do tipo “quem matou Odete Roitman” no novo “Dança de Enganos” não conhece bem o autor. “É importantíssimo num romance evitar as conclusões, as respostas, as explicações”, diz ele com a calma monástica que lhe caracteriza. “Deixo tudo nesse território ambíguo, como areia movediça.”

A grande questão levantada nos dois primeiros livros, publicados oito e seis anos atrás, é onde andava Lina, a mãe do protagonista Martin. A mulher se separou do pai rígido do garoto no começo da história, foi morar longe e passou a dar cada vez menos notícias, virando uma figura rarefeita. No romance que chega às livrarias, a protagonista



Milton Hatoum: ‘É importantíssimo num romance evitar as respostas’

é ela. Como o filho se envolve cada vez mais na oposição à ditadura e acaba num exílio na Europa, a sensação é que a mãe também vive um thriller político do lado dela, mergulhada na clandestinidade. “Dança de Enganos” mostra que isso é, bem, um engano.

Hatoum aponta que uma de suas obras mais celebradas, “Dois Irmãos”, já deixava uma ponta fundamental solta até o fim. Afinal, qual dos gêmeos protagonistas do livro era o pai do narrador, Nael? Ninguém sabe, nem o próprio autor -- ou melhor, cada pessoa pode ter sua própria resposta.

O repórter pergunta se o autor acha que hoje as pessoas esperam que lhes deem na boca literatura mais mastigada. Ele responde que isso sempre houve. E que livros co-

merciais são importantíssimos, porque formam leitores. “É necessário que todo país tenha seus bons escritores populares. Mas tenha também escritores e escritoras que não entregam, que trabalham muito o ponto de vista estrutural, formal da linguagem, o que também é válido. E a literatura de um país se constitui dessas duas vertentes. Se pensarmos de maneira excludente, é uma visão quase autoritária.”

Agora, as motivações de Lina para ficar longe do filho nunca ficam talhadas em pedra. E se pensar bem, dá para dizer que a literatura brasileira já se fundava num romance aberto numa dúvida. Quem sabe se Capitu traiu ou não traiu? “E a gente vai atrás do Machado”, diz Hatoum, emendando uma risada breve como um suspiro.

O escritor amazonense de 73 anos segue o caminho de Machado de Assis de mais de um jeito. Há dois meses, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras fundada por ele, aclamado na primeira eleição que disputou. E, já consensuado como um dos grandes escritores do país, chegou até a ouvir rumores de que estava cotado para o Nobel de Literatura. Sem falsa modéstia que, ainda que goste de reconhecimento, diz que um dia um brasileiro ou uma brasileira vai ganhar o Nobel.

“Não eu, mas alguém vai. Isso depende de lobby, do Ministério da Cultura. E a gente tem que lembrar que a Academia falha muito. Falhou em não ter dado prêmio ao Drummond, um dos maiores poetas da nossa língua. Ao Guimarães Rosa, porque as

traduções são falhas. À Clarice Lispector, ao Jorge Luis Borges, ao Alejo Carpentier”, diz, incluindo um argentino e um cubano na dança de enganos da Academia Sueca. “Eles olham para o Brasil ou com indiferença ou com olhar exótico. E quem ganhar um dia vai ter que falar isso: vocês erraram”, provoca.

Nobelizado ou não, é inegável o zelo que Hatoum dedicou à trilogia “O Lugar Mais Sombrio”, gestada desde 2007, mas sonhada desde os anos 1980, quando ele mesmo se exilou na Europa como seu protagonista. “Para a literatura, você tem que esperar o tempo decantar, se transformar em imaginação.”

O manauara conta que escreveu todos os livros de uma só tacada, e o que veio depois foi um trabalho de lapidação de cada texto em separado, num projeto “não pretensioso, mas ambicioso”.

Sim, os seis anos que separam o segundo volume deste terceiro foram todos de retoques numa trama quase pronta. Hatoum brinca que é “lento por definição”, mas mudou muito os rumos da narrativa -- ampliou a história deste livro, que era para ser uma longa carta ao filho, buscando dar espessura a mais personagens. O público vai entendendo em meio às elipses da obra, vasculhando o que nunca é dito, que Lina é “uma mulher convencional”, nas palavras do autor, “de uma geração que era violentada, massacrada, humilhada” por viver num ambiente opressivo. “Eu tentei trabalhar com a lenta conscientização do corpo, da liberação das imposições patriarcais.”

Com outro de seus mestres, o quase nonagenário Raduan Nassar, Hatoum aprendeu a não ter medo de tatear assuntos proibidos como o incesto, sempre de maneira oblíqua, de sugestões nas entrelinhas, porque estamos falando de literatura e não de caça-cliques. “É um convite para o leitor refletir”, diz, acrescentando que o literário surge sempre mais da exploração do interior que do exterior. “Penso a literatura como uma refração. Quando você coloca uma régua dentro da água, o que era linear distorce. É essa distorção que eu acho que é a ficção.”

CORREIO DA MANHÃ. AQUI CABE UM BRASIL DE INFORMAÇÃO.



Em sua Edição Nacional,
o Correio da Manhã
traz um conteúdo com
notícias em primeira mão sobre
os assuntos mais importantes do
cenário nacional e do mundo.

Acesse nosso app e receba
nas primeiras horas o que os
outros só saberão depois.

Correio da Manhã

EDIÇÃO NACIONAL

Há 124 anos Direto e Direito

Rio de Janeiro - Brasília - São Paulo